



Entrevista

Tradutor de mandarim-português.

Página 3

Yu Zhiming



Galeria

Você pensa em fazer intercâmbio?

Gabrieli Diniz
Aluna do 3º ano do Curso de Engenharia Ambiental



Vestibular de Inverno

Serão oferecidas 620 vagas para dois cursos de Bacharelado e cinco Superiores de Tecnologia.

Página 6



ENSINO DO MANDARIM

O mandarim é o dialeto mais falado no planeta. O idioma ganhou importância no cenário mundial com o crescimento econômico da China que, atualmente, é a segunda economia do planeta. A aluna do 2º ano da Faculdade de Direito da PUC-Campinas, Elisa Schenfel de Arruda, já falava inglês e espanhol quando foi selecionada para um intercâmbio em Taiwan. O aprendizado da língua proporcionou diversas oportunidades para Elisa. “Meu primeiro emprego foi conquistado justamente por saber mandarim. Durante o primeiro ano da faculdade, dei aulas de mandarim e inglês em uma escola de idiomas. Além disso, já recebi outras propostas de trabalho por saber mandarim”, contou a estudante.

Página 4

CANADENSES

A Universidade recebeu no mês de maio um grupo de dez estudantes canadenses, da *Mount Royal University*. Os alunos participaram do Curso "Potencial Econômico do Brasil: fazendo negócios no país". As aulas teóricas aconteceram no período da manhã e o grupo realizava, no período da tarde, visitas técnicas em centros de pesquisas e indústrias da região. Essa foi a primeira vez que uma das alunas estrangeiras, Nicole Macdougall, esteve no Brasil. “O curso foi muito intenso, rico de informações, com professores apaixonados por seu trabalho e com grande conhecimento”, contou a universitária.



Página 5



Ser colecionador exige dedicação e curiosidade. Foi na infância que o professor do Centro de Economia e Administração (CEA), Eli Borochovcivius, começou sua coleção de cédulas de dinheiro. “Deveria ter uns seis anos quando encontrei cédulas de dinheiro dos anos 1940, que meu pai havia ganhado do meu avô falecido. Aquilo despertou minha curiosidade por ter sido algo que havia tido valor, mas que com o tempo tornou-se apenas um pedaço de papel antigo. A partir de então, comecei a guardar todas as notas que eram lançadas”, contou o professor que acompanhou todas as trocas de moedas que ocorreram durante as décadas de 1980 até a implantação do Plano Real, em 1994. Conheça outras histórias como a do professor Borochovcivius.



Página 8

MANIA LEVADA A SÉRIO

O JORNAL DA PUC-CAMPINAS CONVERSOU COM ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS QUE SÃO COLECIONADORES

Ana Paula Moreira
anasouza@puc-campinas.edu.br



Professor Eli Borochovcivius

O hábito de colecionar pode surgir durante a infância ou já na vida adulta. As coleções são as mais variadas. Foi na infância que o professor do Centro de Economia e Administração (CEA), Eli Borochovcivius começou sua coleção de cédulas de dinheiro. “Deveria ter uns seis anos quando encontrei cédulas de dinheiro dos anos 1940, que meu pai havia ganhado do meu avô falecido. Aquilo despertou minha curiosidade por ter sido algo que havia tido valor histórico, mas que com o tempo tornou-se apenas um pedaço de papel antigo. A partir de então, comecei a guardar todas as notas que eram lançadas”, contou o professor que acompanhou todas as trocas de moedas que ocorreram durante as décadas de 1980 até a implantação do Plano Real, em 1994.

Na coleção do professor é possível encontrar todas as cédulas que circularam no país, durante as mudanças de planos econômicos que o país vivenciou. Há notas de Cruzeiro (vigente de 1942 a 1967), Cruzeiro Novo (vigente de 1967 a 1970), Cruzeiro (vigente de 1970 a 1986), Cruzado (vigente de 1986 a 1989), Cruzado Novo (vigente de 1989 a 1990), Cruzeiro (vigente de 1990 a 1993), Cruzeiro Real (vigente de 1993 a junho de 1994) e as notas do Plano Real, vigente a partir de julho de 1994.

Para o professor, a coleção pode ter sido um dos fatores que o fez seguir carreira na área financeira. “Com as cédulas se aprende muito. É possível conhecer sobre a cultura do país, o que aconteceu socialmente, politicamente e economicamente no país durante o período de circulação daquela nota”, afirmou o docente.

Para o estudante do 3º ano de Administração, Leonardo Cardona Bennemann, colecionar sempre fez parte da sua vida. Há 11



Leonardo Cardona Bennemann

anos coleciona apontadores com imagens em miniatura. “Comecei a coleção porque um tio meu possuía um desses apontadores e sempre que viajava para Gramado (sou gaúcho), todas as lojinhas de artesanato tinham esses apontadores. Sempre adorei colecionar tudo, tanto é que tenho todos os álbuns de figurinhas da Copa do Mundo, desde 1994. Além dos álbuns, tenho uma coleção de moedas antigas. Porém sempre me controlei para não virar obsessivo por coleções e exagerar no acúmulo de objetos. Acredito que coleções são muito boas para resgatar história ou lembrança”, disse Leonardo.

Há 20 anos, o editor do Laboratório de Imagem e Som (LABIS), João Solimeo, além de ser fã da banda inglesa de rock Pink Floyd tornou-se também um colecionador de tudo o que é publicado sobre a banda. “Antes eu já tinha escutado os LPs *“The Wall”* e *“Dark Side of the Moon”*. Mas a partir de 1993 e 1994, eu comecei a comprar os CDs deles, geralmente um por mês e na ordem inversa, até chegar ao primeiro disco de 1967”, contou o João.

A coleção inclui CDs, singles, DVDs, vinil e livros. Entre os itens mais especiais da coleção está o livro *“Saucerful of Secrets: The Pink Floyd Odyssey”*, de Nicholas Schaffner, que é a biografia da banda. O livro teve de fazer uma viagem de volta ao mundo até



João Solimeo

chegar na mão do fã/colecionador. “Em 1998, eu morei durante um ano no Japão. Soube que meu irmão estava nos Estados Unidos e escrevi uma carta pedindo para ele comprar o livro sobre o Pink Floyd que havia visto na internet. Foi comprado nos Estados Unidos, trazido ao Brasil e despachado para o Japão, onde eu estava”, lembrou o editor.

O editor já foi aos três shows no Brasil feito pelo ex-integrante Roger Waters. “Creio que o que há de diferente neles é o fato de não ser ‘simplesmente’ rock’n roll. Eles têm músicas, como *Echoes*, que têm 23 minutos de duração. É uma viagem. Além de conceitos muito interessantes. O álbum *The Wall*, por exemplo, é a história de um roqueiro que se sente pressionado pela própria plateia, cada vez maior e mais barulhenta. Aí, ele literalmente constrói um muro entre a banda e os fãs (coisa que era feita de verdade, no show ao vivo)”, explicou Solimeo. ■

FICOU COM VONTADE DE COMEÇAR UMA COLEÇÃO? O SITE WWW.MANIADCOLECIONADOR.COM.BR TRAZ DIVERSOS TIPOS DE COLEÇÃO, COMO GIBIS, BRINQUEDOS, LIVROS, ENTRE OUTROS.